

A Religiosidade e sua Função Social *The Religiosity and Social Function*

Tânia Maria de Carvalho Câmara Monte⁸⁸

A religiosidade e sua função social, utilizando-se como referencial teórico as contribuições de Émile Durkheim, Max Weber e Pierre Bourdieu para o estudo das religiões, enfatizando-se alguns aspectos que dizem respeito à concepção de mundo e da própria sociologia formulada por esses autores é a intenção primordial destas reflexões.

Desde os primórdios da humanidade, a religiosidade faz parte da essência do homem, na busca constante da existência e vivência de Deus, através dos mitos de criação do mundo (cosmogonias). A alma humana contém a atração pelo *numinoso* (do latim *numen*, “deus”), porque ela é provocada pela revelação de um aspecto do poder divino, na linguagem de Otto.

Segundo os autores Paim, Prota e Rodriguez (1997), a alma humana possui o instinto religioso; surge assim o que chamamos de religião, tendo se manifestado, ao longo da história, em todas as partes do mundo, em circunstâncias múltiplas. A exemplo dos Dayak, de Bornéu (ilha asiática), citado por Eliade (1992), bem como para outros povos primitivos, o mito cosmogônico influencia os princípios que governam a existência cotidiana. Em virtude desta complexidade, faz-se necessária o uso da palavra religiosidade para definir esta tentativa de re-ligação com o divino, que difere tanto em sinônimos quanto em dogmas, a depender da religião em questão.

As religiões se constituem de sistemas simbólicos com significantes e significados particulares, logo, portanto, do ponto de vista de um indivíduo religioso, caracteriza-se como a afirmação subjetiva da proposta de que existe algo transcendental, extra/empírico, maior, fundamental e mais poderoso do que a esfera que nos é imediatamente acessível através do instrumentário sensorial humano. Portanto, é um universo multidimensional, que se revela nas interfaces da fé, através dos rituais, pela experiência religiosa, na constituição das instituições e contribuição de um código próprio da ética que versará e refletirá as condutas desses indivíduos.

⁸⁸ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Professora de Pós-graduação da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA).

Com efeito, caracterizando-se por um sistema de compreensão e interpretação do mundo, caberá a esta responder às questões referentes à origem do universo, pela interpretação cosmológica de encontrar o sentido para a vida, alimentar esperanças para o futuro transcendente da vida atual, o ajustamento emocional, a segurança cognitiva ao enfrentar problemas de dor e morte, sinalizar com a possibilidade de resposta e compensação à variada gama de sofrimentos. Vale ressaltar que estes sofrimentos são oriundos das mais diversas causas, desde doenças, relações pessoais, relações sociais opressivas, intervenções médicas e técnicas, regras de conduta, padrões éticos até cataclismos naturais.

Segundo relatos dos Evangelhos, Jesus passou boa parte de sua vida pública curando enfermos, Sacerdotes, xamãs e homens-medicina procuraram ao longo do tempo aliviar os sofrimentos humanos através de orações, magia, ervas, emplastos e aparelhos ortopédicos. Não podemos precisar a origem da secularização da terapêutica, mas no início da Era Cristã, no âmbito do Império Romano, parece que parte dos médicos já não tinha vínculos com organizações religiosas. Com a queda do Império, houve um novo impulso em favor da religiosidade nesta esfera, os cristãos associaram santos com certas doenças e os mosteiros especializaram alguns monges para desempenhar o papel de terapeutas.

Há ainda, um aspecto muito importante no que diz respeito ao sistema religioso, pois através de sua atividade política, pode-se legitimar e estabilizar um governo ou estimular atitudes revolucionárias, visto que estão inseridas no contexto social, uma vez que membros de uma comunidade religiosa compartilham a mesma cosmovisão, seguem valores comuns e em grupos praticam sua fé. No pensamento marxista a crítica da religião é um elemento de grande importância, pois a religião é ideologia um modelo geral para a explicação do mundo, e sua funcionalidade para a sociedade está em justificar a realidade de opressão. Marx (1989) afirma que o homem cria a religião e não o inverso. Analisando a revolução na França em 1848 e o golpe de Estado do sobrinho de Napoleão, escreveu:

A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nessa linguagem emprestada. (MARX,1989)

Na interpretação de Weber (1996), a sociedade moderna e industrial, regida pela razão – modo de vida das sociedades ocidentais –, exigiria um Estado burocratizado e organizado, no qual os especialistas exerceriam o controle da sociedade. O homem, através do processo de desencantamento do mundo que o distanciou do sagrado, estaria liberto do poder da religião, assim submetido ao mundo da razão, que o levaria a construir sua própria gaiola de ferro, tornando a racionalização um instrumento de poder e dominação da sociedade e dos outros homens através da supervalorização de seus conhecimentos e técnicas. O mundo assim concebido passa a ser um mecanismo racional, descaracterizando então o indivíduo, levado pelas próprias formas que compõem o capitalismo, ou seja, a produção em série através das máquinas e a busca dos bens materiais, melhor dizendo a “fetichização”⁸⁹ das relações sociais. Portanto, a religião exerce uma profunda influência sobre a vida e, por conseguinte, opera as mudanças sociais. Assim, Weber destacaria a integração racional dos sistemas religiosos mundiais e não apenas o calvinista, seu objeto de estudo, como resposta aos problemas básicos da condição humana: “contingência, impotência e escassez”, afirmando que a teologia e a ética do calvinismo foram fatores essenciais no desenvolvimento do capitalismo do norte da Europa e dos Estados Unidos, embora em sua concepção não exista uma relação de causa e efeito entre ambas.

O processo de racionalização religiosa ou de “desencantamento do mundo” culminou no calvinismo do século XVII e em muitos outros movimentos e seitas. Desse modo, salvação temporal e eterna não mais seria assegurada por meio de ritos, ou por uma fuga mística do mundo ou por uma ascética transcendente, mas através do trabalho, pela profissão, pela inserção, agregando assim valores de individualismo, liberdade e de progresso. Agora haveria a existência de empresas, cujo objetivo seria produzir o maior lucro possível e cujo meio é a organização racional do trabalho e da produção. É a união do desejo de lucro e da disciplina racional que constitui historicamente o traço singular do capitalismo ocidental. Porém, os dogmas religiosos e sua interpretação são partes integrantes dessa visão do mundo e é preciso entendê-los para compreender a conduta dos indivíduos e dos

⁸⁹ Oriundo do termo fetiche que significa: objeto animado ou inanimado, feito pelo homem ou produzido pela natureza, ao qual se atribui poder sobrenatural e se presta culto. Segundo Holanda (1993), foi este significado conferido ao fenômeno da atribuição de valor simbólico aos produtos (manufaturas) utilizado por Karl Marx.

grupos, nomeadamente o seu comportamento econômico. Por outro lado, Weber quis provar que as concepções religiosas são um fator determinante da conduta econômica e, em consequência, uma das causas das transformações econômicas das sociedades (ARON, 1999). Dessa forma, o capitalismo estaria motivado e animado por uma visão de mundo específica de um tipo de protestantismo que, na sua ação social, favoreceu a formação do regime capitalista.

A religião é definida por Durkheim (1989, p. 79) como “um sistema de crenças e práticas em relação ao sagrado, que unem em uma mesma comunidade moral todos os que a ela aderem.” Assim sendo, só pode haver moral se a sociedade possuir um valor superior a de seus membros, um ato só será moral se tiver por objeto algo que não o seu autor. Deus e a sociedade, portanto, têm o mesmo significado, pois a religião é adoração da sociedade transfigurada. A religião tem, assim, a função de agregar os indivíduos à sociedade, servindo enquanto um instrumento de controle social, de manutenção da ordem, funcionando como um código moral, um modelo a ser seguido por seus adeptos, dando ênfase, enquanto valor agregado, à regularidade para a sociedade, possibilitando uma reflexão do homem para além de si mesmo. Existir, para ele é existir socialmente e, portanto, sob uma ordenação determinada, pois os indivíduos buscam afetivamente na religião a sensação de sair de si, pela imersão no coletivo, através do contato com algo que tem maior importância que eles próprios. É a experiência de transcender que normatiza a vida em conjunto, através do nivelamento, ou seja, todos são iguais, comungam de uma mesma comunidade moral e compartilham a ideia de que a vida social é possível. Há ainda um fator preponderante para isto: a presença da moralidade como ponto fundamental em sua teoria como um princípio capaz de conferir estabilidade e continuidade social. Um indivíduo sozinho não necessita de uma moralidade. Para se socializar, no entanto, há uma moral coletiva à qual o indivíduo tende a se submeter, não importando qual seja a sua moral individual. Sendo assim, a coletividade deve incitar um aprimoramento da moral, pois, socialmente bem difundida, a internalização da moral prescindiria de entidades regulamentadoras, como o Estado ou a Igreja, ainda que política e religião permaneçam, na medida em que funcionam, como geradoras de moral. Funcionando pelo princípio da razão orientado para o conhecimento, a ciência não tem como cumprir o papel de conferir regularidade, como a religião, através das refeições morais cotidianas por ela ofertadas. Diante da ciência, a religião perde seu

papel de atribuição de origem, mas assim permanece, já que se constitui como postulante moral e depositária de afetos, segundo Durkheim (1989), estes são importantes instrumentos de impedimento de graves conflitos sociais.

A religião constitui um sistema estruturado de percepções e conceitos sobre o mundo, fazendo assim um sistema de “estrutura estruturante”, sendo objeto de conhecimento e construção do mundo dos objetos, como formas simbólicas (BOURDIEU, 1998). Esse sistema de valores, que se projeta sobre o mundo real, contribui para dar-lhe forma, significado e direção. Compreender a religião sob o prisma da representação de um grupo, de uma classe social ou de uma sociedade inteira, é considerar suas expressões por meio de seus elementos sociológicos, histórica e devidamente contextualizados, assim como incorrer no equívoco de explicá-las por si mesmas sem analisar o contexto onde estas se constituem. Contudo, para uma melhor definição sociológica do que seria um comportamento religioso, deverá ser considerada sua dimensão simbólica em relação aos indivíduos e sua manifestação nos planos individuais e coletivos.

Contava a lenda que o rei da Frígia morreu sem deixar herdeiro e que, ao ser consultado, o oráculo anunciou que o próximo rei chegaria à cidade num carro de bois. A profecia foi cumprida por um camponês, de nome Górdio, que foi coroado. Este para não esquecer seu passado humilde colocou a carroça, com a qual ganhou a coroa, no templo de Zeus, amarrando-a com um nó a uma coluna, nó este impossível de desatar. Górdio reinou por muito tempo, e, quando morreu, seu filho Midas assumiu o trono, que por sua vez expandiu o império, porém, morrendo sem deixar herdeiros. Novamente se faz necessária a intervenção do oráculo, profetizando que aquele que desatasse o nó de Górdio dominaria toda a Ásia Menor. Quinhentos anos se passaram sem que ninguém realizasse tal façanha, até que um jovem de nome Alexandre (conhecido mais tarde como: o Grande), ao passar pela Frígia ouviu a lenda e, intrigado com a questão, foi até o templo de Zeus observar o feito de Górdio. Após muito analisar, desembainhou sua espada e cortou-o, tornando-se senhor de toda a Ásia Menor poucos anos depois (BULFINCH, 2000). Portanto, penso que, para novos desafios são necessárias novas soluções; neste caso, o entendimento acerca das religiões.

A partir do debate da sociologia da religião, é possível inferir que, apesar de todas as mudanças de enfoque ocorridas no campo religioso, como uma maior individualização da religião, o emprego da lógica de mercado e consumo tem se

mostrado, ainda, como uma forma de moralização, pois cada uma, a seu modo, constitui-se como o arcabouço estruturado que conduzirá seus adeptos (fiéis) como modelo ético e moral a ser seguido, ou ao menos perseguido. No dizer de Durkheim (1989, p. 31) “no fundo não há religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras a sua maneira: todas respondem, ainda que de maneiras diferentes, a determinadas condições da vida humana (..) todas são igualmente religiões, como todos os seres vivos são igualmente são seres vivos.”

Analisar a religião, não somente como comunidade religiosa, mística ou de fé, mas como instituição social, permite compreendê-la como um mecanismo social que programa o comportamento humano de forma especializada. A função da instituição é fundamentalmente prática, pois programa o comportamento por meio da persuasão e reforço das crenças, e conduz o indivíduo a reproduzir comportamentos segundo as regras da instituição, identificando-a com a própria verdade.

REFERÊNCIAS

ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. Economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer: São Paulo. Edusp, 1996.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. **Algumas Formas Primitivas de Classificação**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**: o Sistema Totêmico da Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Lisboa: Livros do Brasil, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luiz Bonaparte. Coleção os Pensadores. São Paulo Abril Cultural, 1982.

_____. **Tratado da história das religiões**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEBER, Max. *A Ciência como Vocação: Ciência e Política: Duas Vocações*.. São Paulo: UnB, 2001.

_____. **Sociologia da Religião**: tipos de relações comunitárias religiosas. Brasília: UnB, 1996.

PAIM, A., PROTA, L., e VELEZ. RODRIGUEZ. **Religião**. Londrina, EDUEL, 1997.